

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 374 | vol. 23 | 2025



**Putin, Trump, Netanyahu:  
o mundo à beira de uma guerra total?**

Silvia Feraboli

**Cadernos**  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 374 | vol. 23 | 2025

**Putin, Trump, Netanyahu:  
o mundo à beira de uma  
guerra total?**

**Silvia Feraboli**

Doutora em Política e Estudos Internacionais na Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres (SOAS) e Professora Adjunta no Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XXIII – Nº 374 – V. 23 – 2025

ISSN 2448-0304 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** Bel. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

**Conselho científico:** Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

**Projeto Gráfico:** Ricardo de Jesus Machado

**Responsável técnico:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** Soldier's grave - Pixabay

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total?

Silvia Feraboli

Doutora em Política e Estudos Internacionais na Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres (SOAS) e Professora Adjunta no Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**E**u gostaria de começar parabenizando o Instituto Humanitas da Unisinos – IHU por ter a coragem de propor este debate. Em tempos de silenciamento, censura velada e banalização da violência, abrir espaços assim é uma forma concreta de defender a vida, o pensamento crítico e a democracia.

Organizei a minha fala de hoje em três momentos. Primeiro, vamos olhar para o mundo em colapso e refletir sobre o papel de três líderes – Vladimir Putin, Donald Trump e Benjamin Netanyahu – e o que suas trajetórias nos dizem sobre a conjuntura global. Em seguida, analisaremos mais detidamente o que está por

trás desses nomes: a aliança entre autoritarismo e capital global, e a forma como essa engrenagem funciona. Por fim, discutiremos a crise profunda da democracia liberal, que se tornou o palco ideal para esses projetos de poder se consolidarem e qual o papel da universidade nesse contexto caótico em que vivemos hoje.

Farei isto com o cuidado, a profundidade e a indignação que o momento exige.

\*\*\*

A pergunta que intitula esta palestra – “estamos à beira de uma guerra total?” – precisa ser lida não apenas como uma inquietação geopolítica, mas como um sintoma do colapso de um projeto civilizacional que já está em crise há décadas. Hoje, nomes como Vladimir Putin, Donald Trump e Benjamin Netanyahu não são aberrações do sistema internacional: eles são seus sintomas mais reveladores.

Esses homens ascendem, se sustentam e se tornam populares em momentos de crise, especialmente em momentos de colapso das promessas democráticas e liberais do Ocidente. Eles falam com as massas, não porque tragam soluções, mas porque oferecem algo que a democracia liberal não consegue mais oferecer: certezas, identidades rígidas, promessas de força e ordem num mundo em colapso.

## A CRISE DA DEMOCRACIA E O AUTORITARISMO EM ASCENSÃO

Não é coincidência que tenhamos visto na última década um crescimento acentuado de regimes autoritários, populistas e ultranacionalistas em diver-

sas partes do mundo. Essa ascensão ocorre num momento em que a democracia liberal se mostra incapaz de responder às desigualdades sociais, às crises migratórias, às pandemias, às guerras e sobretudo à angústia existencial de populações inteiras que se sentem descartáveis.

Vivemos não apenas uma crise política ou econômica, mas uma crise de sentido também. A democracia que prometia liberdade e inclusão se transformou em um sistema que protege os ricos, marginaliza os corpos racializados, e transforma o Sul Global em depósito de vidas descartáveis. Nesse contexto, não surpreende que figuras autoritárias apareçam como “salvadores”; eles capturam o medo das massas e o transformam em ódio.

Trump, por exemplo, ascendeu com um discurso abertamente xenófobo, racista e antidemocrático. Sua campanha foi baseada na ideia de “retomar a América”, o que na prática significava restaurar a supremacia branca, criminalizar imigrantes e deslegitimar qualquer forma de resistência. Ele não começou guerras, mas ameaçou constantemente as estruturas democráticas dos Estados Unidos – inclusive com a tentativa de golpe em 06-01-2021. Seu poder está em sua linguagem, uma linguagem que autoriza, legitima e encoraja o ódio.

Putin, por sua vez, se apresenta como um defensor da “ordem tradicional”, da ortodoxia religiosa, da soberania nacional contra o “globalismo liberal ocidental”. Ele não começou a guerra na Ucrânia do nada; ela deve ser compreendida dentro de um processo longo de expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN, de humilhação geopolítica da Rússia

pós-soviética, e de resistência a uma ordem internacional dominada pelo Ocidente. Isso não significa justificar suas ações – significa complexificá-las.

Netanyahu, por outro lado, é o que há de mais brutal neste trio. O que está acontecendo hoje na Palestina é um genocídio em tempo real, documentado, televisionado, ao vivo. A limpeza étnica do povo palestino, o bombardeio de hospitais, escolas, campos de refugiados, a punição coletiva de civis, tudo isso é parte de uma estratégia de guerra colonial. Aqui, não se trata mais apenas de autoritarismo ou populismo, mas de uma necropolítica explícita. Netanyahu governa através da eliminação sistemática de um povo inteiro, com apoio direto de potências ocidentais – inclusive dos EUA.

## CAPITALISMO EM MUTAÇÃO: O DESCARTE COMO LÓGICA DE PODER

**P**ara entender a ascensão dessas figuras, é fundamental compreendê-las dentro da transformação do capitalismo global. Estamos numa nova fase do capitalismo, uma em que a força de trabalho humana já não é central para a geração de riqueza. Com a automação, a financeirização da economia e o avanço da inteligência artificial, vastas parcelas da humanidade se tornaram economicamente “inúteis”.

E o que o sistema faz com o que não serve mais? Ele descarta. O mundo hoje é dividido entre aqueles cujas vidas são protegidas e aqueles cujas vidas podem ser eliminadas. Aquilo que Achille Mbembe chamou

de necropolítica, o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer, se tornou o modo dominante de governança.

Imigrantes na fronteira dos EUA são tratados como ameaça, não como seres humanos. Palestinos são vistos como “danos colaterais”. Ucrânianos do leste são representados como traidores, tanto por Putin quanto por Kiev. O discurso da segurança nacional, da defesa da soberania, da guerra contra o terror serve para justificar a eliminação de vidas descartáveis.

## O PAPEL DO DIREITO INTERNACIONAL E SEU COLAPSO SIMBÓLICO

Uma das dimensões mais chocantes desse cenário é a completa deslegitimação do direito internacional. As Convenções de Genebra, os princípios dos direitos humanos, a própria ONU parece hoje mais simbólico do que efetivo. Nenhum desses mecanismos tem sido capaz de impedir ou nem sequer limitar as ações genocidas de Netanyahu em Gaza, por exemplo.

A verdade é que o direito internacional foi sempre seletivo. Ele nunca protegeu vidas no Sul Global com a mesma veemência com que protegeu o Ocidente. O que muda agora é que nem mesmo a aparência de imparcialidade é mantida. Estamos assistindo a uma ordem internacional que se desintegra diante dos nossos olhos.

## AS DIFERENÇAS ENTRE ELES

É fundamental não cair na armadilha da equivalência moral. Trump, Putin e Netanyahu não são “iguais”. Eles operam em contextos distintos, com histórias, objetivos e modos de violência diferentes:

- Trump é um bufão perigoso, cujas ações são mais simbólicas do que práticas, mas seu discurso tem efeitos reais sobre a violência doméstica, o racismo, o machismo e a erosão da democracia americana.

- Putin é um autoritário clássico, militarista e nacionalista, que conduz uma guerra brutal na Ucrânia, mas dentro de um contexto geopolítico que não pode ser lido em termos binários.

- Netanyahu é o executor de uma guerra colonial com traços genocidas. Sua política é sistemática, apoiada em décadas de *apartheid* e desumanização de um povo inteiro.

## O QUE ESTÁ EM JOGO?

A pergunta que precisamos fazer hoje não é se estamos à beira de uma guerra total, mas sim esta: que tipo de mundo estamos construindo, em que a guerra, o extermínio e a desumanização se tornaram práticas normalizadas de governo?

Vivemos um momento histórico que exige coragem intelectual, ética radical e solidariedade global. Não há neutralidade possível diante do genocídio. Não há imparcialidade possível diante da eliminação de corpos racializados. Não há tempo para o conforto.

Trump, Putin e Netanyahu são nomes diferentes para o mesmo sintoma: a falência moral, política e econômica de um mundo fundado na dominação, na desigualdade e na exclusão.

Se há uma saída, ela virá das margens, dos povos que resistem, das vozes que foram silenciadas, dos corpos que insistem em viver, amar, criar, mesmo quando tudo parece ruir.

Agora, falemos sobre os EUA especificamente.

É quase uma caricatura distópica o fato de Elon Musk, um bilionário tecnocrata com delírios de grandeza messiânica, estar agora não só influenciando, mas compondo o núcleo duro de um governo liderado por Donald Trump. E mais: que Trump, um empresário transformado em *showman* populista, esteja novamente na presidência dos Estados Unidos. Isso diz muito, e diz o pior, sobre a falência simbólica da democracia liberal.

Para Marx, como bem sabemos, o Estado sempre funcionou como um comitê executivo dos interesses da burguesia. Ou seja, por mais que se finja neutro, universal, impessoal, o Estado moderno está historicamente a serviço da classe dominante. Mas o interessante – ou o trágico – é que esse serviço era prestado sob um verniz, com alguma moderação, algum pudor. O Estado tinha que encenar sua autonomia, fingir imparcialidade, manter o mito de que representava “o bem comum”.

O que vemos hoje é a dissolução completa desse teatro. Eles nem fingem mais.

A presença de Musk num governo Trump é a expressão escancarada da fusão entre o capital financeiro-tecnológico e o aparelho de Estado. O interesse público vira um estorvo, um ruído incômodo diante da lógica do lucro privado. O poder público, em vez de conter os excessos do capital, passa a ser o braço gestor de suas ambições mais vorazes, inclusive nos campos militar, digital, ambiental.

E isso tem implicações gravíssimas para a democracia. Se a democracia já estava em crise, ela agora corre o risco de se tornar irreconhecível. Quando bilionários governam diretamente – sem mediações, sem limites, sem vergonha –, não há mais espaço para cidadania, para deliberação coletiva, para justiça social. A política vira uma extensão da planilha de Excel dos acionistas.

O Estado passa a ser uma *startup* armada! E quando isso acontece, a única coisa que se preserva da democracia é o nome – o rótulo vazio.

Portanto, não se trata só de criticar Musk ou Trump individualmente, mas de entender o que eles simbolizam: a colonização definitiva da esfera pública por interesses privados. O fim da separação entre o Estado e o capital. A utopia neoliberal, enfim, realizada – e o pesadelo social que ela carrega junto.

Vejam o absurdo disto: grande parte do aparato de segurança nacional dos Estados Unidos, incluindo nada menos que o vice-presidente J.D. Vance, achou que seria uma boa ideia criar um grupo de conversa com 18 pessoas no aplicativo Signal para discutir em detalhes se deveriam bombardear o Iêmen... antes de bombardearem *de facto* o Iêmen. Comentaristas furio-

so estão em estado de histeria porque esse tipo de discussão “altamente confidencial” deveria ocorrer na segura Sala de Situação, próxima ao Salão Oval, e não em um fórum *online* com criptografia de código aberto, que qualquer adolescente capaz de resolver um cubo mágico em menos de trinta segundos consegue burlar por pura diversão.

JÁ PARARAM PARA PENSAR QUE ESSAS PESSOAS PARTICIPAM DO PROCESSO DECISÓRIO NORTE-AMERICANO PARA USO DE ARMAS NUCLEARES, POR EXEMPLO?

Falemos agora sobre a Rússia especificamente.

A narrativa dominante nos países centrais insiste em pintar Putin como um vilão isolado, um anacronismo autoritário que ameaça a ordem mundial. Mas essa imagem, tão conveniente quanto simplista, ignora décadas de decisões políticas tomadas pelo próprio Ocidente, que desde o fim da Guerra Fria se recusa sistematicamente a aceitar a Rússia como um parceiro legítimo no sistema internacional. Em vez disso, optou por mantê-la no papel de inimiga: útil, previsível e politicamente rentável.

Putin não caiu do céu. Ele é, em muitos aspectos, o resultado direto da exclusão geopolítica e da humilhação sistemática impostas à Rússia nos anos 1990. Quando a União Soviética colapsou, os países ocidentais prometeram uma nova era de cooperação e paz. Mas o que se seguiu foi o avanço da OTAN até as fronteiras russas, a imposição de políticas neoliberais destrutivas sob o comando do Fundo Monetário Internacional – FMI e do Banco Mundial, e a reafirmação de uma

hierarquia global que deixou claro: o lugar da Rússia seria na periferia da Europa, como potência derrotada e vigilada, não como igual.

Sem dúvida, a Rússia de Putin, com toda a sua agressividade, expansionismo e retórica imperial, deve ser criticada. Mas é impossível compreender sua política externa sem reconhecer o papel que a ordem internacional ocidental teve na sua construção. A escolha de transformar a Rússia em inimiga permanente serve a propósitos muito claros: justificar gastos militares exorbitantes, manter alianças estratégicas como a OTAN funcionando em plena era pós-Guerra Fria e sustentar a hegemonia dos Estados Unidos e da União Europeia sobre as regras do jogo global.

A manutenção dessa lógica de exclusão é tão estrutural que mesmo tentativas russas de aproximação com o Ocidente – como no início do governo Putin, quando ele flertava com uma aliança com os EUA e até cogitava a entrada na OTAN – foram descartadas com desprezo. A mensagem foi clara: o Ocidente não está interessado em um mundo multipolar, mas numa ordem baseada na submissão de antigos inimigos, agora rebaixados a meros espectadores.

Putin entendeu esse recado e reagiu com a linguagem que a ordem hegemônica compreende melhor: força militar, discurso nacionalista, confronto direto. Sua política é violenta, sim, mas é também uma resposta – distorcida, mas reveladora – a um sistema internacional fundado na exclusão e na arrogância imperial. Um sistema que jamais se propôs a integrar verdadeiramente quem não se molda à lógica ocidental-liberal-capitalista. A demonização absoluta de Putin funciona como uma cortina de fumaça para encobrir a violência

estrutural da ordem internacional que o produziu. E, enquanto isso, seguimos presos num jogo de guerra permanente alimentado tanto por tanques quanto por narrativas que insistem em dividir o mundo entre civilização e barbárie, democracia e autoritarismo, nós e eles.

## ISRAEL

A figura de Netanyahu encarna, com brutal clareza, o fracasso moral e político da ordem internacional. Seu governo não apenas perpetua a ocupação e o *apartheid* contra o povo palestino, como hoje opera uma política deliberada de extermínio – e o mundo assiste, em silêncio cúmplice, ao genocídio em curso.

A indiferença internacional não é um erro de cálculo. É uma escolha política. Governos que se dizem defensores da “ordem baseada em regras” continuam armando, financiando e legitimando um regime que transforma crianças em alvos militares e hospitais em zonas de guerra. A comunidade internacional, que tanto gosta de evocar os “direitos humanos” como princípio universal, revela seu verdadeiro limite: a seletividade colonial de quem merece viver e quem pode morrer.

O fracasso da política internacional não está apenas na sua incapacidade de conter Netanyahu. Está na sua recusa estrutural em confrontar o colonialismo, o racismo e a lógica de impunidade que sustentam o projeto sionista desde 1897. O sistema internacional foi construído para manter intacta a supremacia dos vencedores da Segunda Guerra e, por extensão, a ordem do capital e do imperialismo ocidental. Esperar justiça

de um sistema que normaliza a limpeza étnica é um exercício de ingenuidade ou cinismo. Netanyahu sabe disso. Age com arrogância porque tem certeza de que nada lhe acontecerá. Seus crimes são transmitidos ao vivo, em alta definição, e mesmo assim não há sanções, não há cortes de relações, não há tribunais. O que há é um *apartheid* discursivo: o massacre dos palestinos é sempre narrado como “autodefesa”; sua resistência, como “terrorismo”. O léxico da geopolítica global está colonizado.

A verdade é que a ordem internacional não fracassou agora. Ela foi desenhada para fracassar exatamente nesses momentos. Para proteger a violência de Estado, desde que ela seja praticada pelos aliados certos. A Palestina é a ferida aberta que revela a hipocrisia de todo o edifício internacional. E Netanyahu, ao lado de outros líderes autoritários e messiânicos, é apenas o sintoma mais grotesco de um sistema em ruínas – um sistema que não só falhou em proteger vidas, como se tornou cúmplice ativo da sua destruição.

## O SUL GLOBAL DIANTE DO ESPELHO: RISCOS, OMISSÕES E CAMINHOS

**D**iante de tudo o que acontece no mundo (das guerras coloniais às distopias tecnológicas), é impossível não voltarmos o olhar para nossa própria casa: o Brasil, a América Latina, o Sul Global.

Seria cômodo pensar que estamos longe disso tudo. Que aqui não há Trump, que não há Netanyahu, que não há Putin. Mas o autoritarismo, como sabemos,

não se limita a nomes. Ele é uma lógica. Uma prática. Um modo de organizar o poder em favor de poucos – e à revelia da dignidade de muitos.

É preciso olhar com atenção para os riscos reais de retrocesso democrático no Sul Global. Eles existem. E eles crescem cada vez que um governo progressista silencia diante de um genocídio, negocia com megacorporações predatórias, ou recua frente à pressão militar, econômica e midiática dos centros hegemônicos.

O caso da Palestina é gritante. Como explicar que países do Sul Global, inclusive o Brasil, ainda não romperam relações diplomáticas com Israel, mesmo diante de crimes documentados, de massacres televisionados, de violações sistemáticas do direito internacional? Que tipo de “neutralidade” é essa que, na prática, perpetua o massacre?

Não se trata apenas de política externa. Trata-se de posicionamento ético e histórico. A América Latina, com toda sua história de resistência, não pode se omitir. Temos um passado de lutas anticoloniais, de revoluções populares, de pedagogias libertárias. Somos herdeiros e herdeiras de Bolívar, de Zumbi, de Mariátegui. E é a partir desse legado que precisamos construir um novo horizonte.

Mas esse horizonte não será possível se continuarmos entregando nossas infraestruturas digitais, nossas reservas minerais, nossas formas de vida, à lógica do lucro global. Figuras como Elon Musk não são apenas empresários excêntricos: são vetores do novo colonialismo – o colonialismo de dados, de satélites, de nar-

rativas, de algoritmos. E a pergunta que se impõe é: como nos proteger disso? Como construir soberania em tempos de *big tech* e capitalismo de vigilância?

A resposta passa necessariamente por reinventar o Estado. O Estado moderno, como já vimos, foi criado para servir à classe dominante. Mas ele também é – ainda é – um campo de disputa. E se quisermos sobreviver como sociedades minimamente justas, precisaremos transformar esse campo. Democratizá-lo de verdade. Subvertê-lo a partir de dentro. Não podemos mais aceitar que a democracia seja apenas um ritual eleitoral a cada quatro anos, enquanto a desigualdade cresce, o capital financeiro manda e o racismo estrutural segue intacto. Precisamos de outras formas de democracia.

Democracia comunitária, como nos ensinam os povos originários da Bolívia. Democracia participativa, como ensaiamos com os orçamentos populares. Democracia radical, como sonhavam as feministas negras que denunciaram o patriarcado no próprio interior da esquerda. Democracia ecológica, que reconheça os direitos da natureza e os limites do planeta. Democracia transnacional, que vá além das fronteiras para construir solidariedades reais entre os povos.

É difícil? Sim. É utópico? Talvez. Mas, como dizia Eduardo Galeano, a utopia serve para isto: para nos fazer caminhar.

Este é o chamado que deixo aqui: não desistam do Estado; reinventem-no. Não desistam da política; ocupem-na. Não desistam do mundo; transformem-no. Porque ele ainda é nosso. E ele ainda pode ser outro.

## O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DA CONCENTRAÇÃO DE RENDA

A ascensão da Inteligência Artificial (IA) e a crescente concentração de riqueza desafiam as estruturas tradicionais da sociedade. Nesse contexto, a universidade enfrenta questionamentos fundamentais: qual é o seu papel em um mundo onde a automação ameaça empregos? Devemos continuar formando profissionais em áreas tradicionais? E como a concentração de renda impacta essa dinâmica?

### A UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO DA IA

A ideia de que “não haverá mais empregos” devido à automação é uma simplificação excessiva. Embora a IA e outras tecnologias estejam redefinindo o mercado de trabalho, elas também criam oportunidades e demandas por habilidades. A universidade deve, portanto, adaptar-se, enfatizando não apenas o conhecimento técnico, mas também competências como pensamento crítico, criatividade e ética – áreas onde as máquinas ainda não podem substituir os humanos.

Formar médicos, economistas e engenheiros continua sendo essencial. No entanto, esses profissionais precisarão integrar conhecimentos interdisciplinares, compreender o impacto social de suas ações e colaborar com tecnologias emergentes. A universidade deve ser o espaço que prepara indivíduos não apenas para empregos, mas para uma participação ativa e reflexiva em uma sociedade em constante mudança.

Dentro desse contexto, observa-se uma tendência preocupante de desmantelamento dos cursos de ciências sociais e humanas em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil. Esse movimento não se limita a cortes de investimentos, mas também inclui bloqueios de recursos já liberados e um desestímulo à produção científica nessas áreas. Acadêmicos internacionais manifestaram preocupação com essa situação, destacando a importância dessas disciplinas para a compreensão e solução dos desafios sociais contemporâneos.

Essa desvalorização pode ser interpretada como uma tentativa de enfraquecer o pensamento crítico e a capacidade de questionamento, delegando à tecnologia funções que deveriam ser inerentemente humanas. Ao reduzir o investimento nessas áreas, corre-se o risco de formar profissionais tecnicamente competentes, mas sem a capacidade de compreender o contexto social, político e ético de suas ações.

## CONCENTRAÇÃO DE RENDA E POBREZA EXTREMA

A desigualdade econômica atingiu níveis alarmantes. Os 10% mais ricos da população global controlam 76% da riqueza mundial, enquanto os 50% mais pobres possuem apenas 2%. Além disso, a riqueza dos cinco homens mais ricos do mundo mais que dobrou (114%) desde 2020, enquanto quase cinco bilhões de pessoas ficaram mais pobres no mesmo período. Essa concentração extrema de capital está intrinsecamente ligada à perpetuação da pobreza. Recursos que poderiam ser investidos em educação, saúde e infraestrutura permanecem acumulados nas mãos de poucos, exacerbando desigualdades e limitando oportunidades para a maioria.

## OS CINCO HOMENS MAIS RICOS DO MUNDO

Atualmente, os cinco homens mais ricos do mundo são:

1. Elon Musk (EUA)
2. Jeff Bezos (EUA)
3. Bernard Arnault (França)
4. Bill Gates (EUA)
5. Warren Buffett (EUA)

Juntos, eles acumulam fortunas que ultrapassam trilhões de dólares, enquanto uma significativa parcela da população mundial vive em condições de pobreza extrema.

E a China, onde entra nesse debate?

Ao longo das últimas quatro décadas, a China protagonizou uma transformação socioeconômica sem precedentes, retirando da pobreza cerca de 800 milhões de pessoas – o que representa mais de 75% de toda a redução da pobreza global no período. Em 2020, o governo chinês anunciou oficialmente a erradicação da pobreza extrema no país, após eliminar as 832 regiões anteriormente classificadas como empobrecidas. Para alcançar esse feito, o Estado mobilizou uma combinação de políticas públicas massivas: investimentos em infraestrutura rural, realocação de populações de áreas inóspitas para regiões mais produtivas, fortalecimento do sistema de saúde, e programas amplos de educação e capacitação profissional.

Hoje, o foco é evitar retrocessos. A China desenvolveu um sistema de monitoramento contínuo das populações vulneráveis, oferecendo suporte direcionado às famílias em risco de voltar à miséria. Ao mesmo tempo, investe no desenvolvimento sustentável das áreas rurais, estimulando indústrias locais e promovendo a autonomia de pequenas e médias iniciativas.

Esse modelo, ao mesmo tempo eficaz e centralizado, tem sido observado de perto por analistas do mundo todo. O filósofo esloveno Slavoj Žižek aponta que a China mostrou ao mundo uma possibilidade que muitos julgavam inconcebível: que o capitalismo não precisa da democracia liberal para prosperar. Ou seja, é possível haver crescimento econômico vertiginoso, avanços técnicos e redução de pobreza, sem as instituições democráticas clássicas do Ocidente.

Mas é exatamente aí que mora a inquietação.

Porque, se o Ocidente sempre vendeu ao mundo a promessa de que democracia e bem-estar caminham juntos, o exemplo chinês vira essa lógica de cabeça para baixo. E o risco que corremos, em tempos de autoritarismo em alta, é que líderes como Trump, Orbán, Modi ou Milei se inspirem não na política de redistribuição de renda ou na erradicação da pobreza, mas somente no controle autoritário do Estado, na repressão das liberdades, na supressão do dissenso.

A China mostra que é possível alcançar grandes feitos sob um regime não democrático. Mas o que preocupa profundamente é que essa fórmula possa ser imitada seletivamente: que se copie o autoritarismo, mas

se descarte a justiça social; que se admire o controle, mas se ignore a redistribuição; que se deseje a ordem, mas se rejeite o cuidado.

É um lembrete duro e necessário de que o futuro não está escrito. Que o desenvolvimento pode andar lado a lado com a liberdade – ou contra ela. E que cabe a nós, aqui e agora, decidir o que queremos preservar, o que precisamos reinventar e o que jamais podemos permitir que se repita.

## A NECESSIDADE DE UM PAPEL ATIVO DA UNIVERSIDADE

**D**iante desse cenário, a universidade não pode permanecer passiva. Ela deve:

- Promover o pensamento crítico: incentivar análises profundas sobre as implicações sociais, éticas e políticas das tecnologias emergentes.
- Integrar conhecimentos: fomentar a interdisciplinaridade, preparando profissionais capazes de navegar em um mundo complexo e interconectado.
- Engajar-se socialmente: atuar como um agente de transformação, colaborando com comunidades e formuladores de políticas para reduzir desigualdades e promover justiça social.

A universidade deve ser o farol que ilumina caminhos para um futuro mais equitativo, onde a tecnologia serve à humanidade e não a substitui.

## ENCERRAMENTO

**D**iante de tudo que dissemos até aqui, pode parecer que estamos imersos em um túnel sem saída. A barbárie tem rosto, nome, CEP e financiamento. E é compreensível que sintamos, em algum lugar do corpo, uma exaustão silenciosa, como se fosse tarde demais, como se o mundo já estivesse condenado.

Mas não está.

Ainda há tempo. Ainda há frestas.

Vivemos tempos de ruína. Mas também são tempos de possibilidade.

A possibilidade de recusar o cinismo. De recusar a indiferença. De lembrar que o mundo não é feito apenas por grandes líderes, por tanques ou tratados, mas também e sobretudo por pessoas comuns. Por nós. Por vocês.

A Palestina resiste porque há mães que protegem seus filhos com o corpo. A Rússia não é só Putin – é também Anna Politkovskaya, Boris Kagarlitsky, as mulheres que enfrentam o regime nas ruas. Os Estados Unidos não são só Trump e seus cúmplices; são também milhões de pessoas que marcharam contra o racismo, que lutam por justiça climática, por direitos trabalhistas, por liberdade de gênero e identidade.

A história nunca esteve pronta. Ela é feita e refeita todos os dias, nos espaços mais inesperados: nas salas de aula, nas cozinhas, nos ônibus lotados, nos grupos de WhatsApp, nas periferias, nos coletivos, nas conversas difíceis, nas escolhas éticas. Não há gesto pequeno quando se trata de defender a dignidade humana.

É claro que sozinhos não damos conta. Mas juntos, articulados, lúcidos e comprometidos, podemos abrir fendas no sistema. Fendas por onde passam a luz, o afeto, a justiça, a transformação.

Não há atalhos. Mas há caminhos.

E o primeiro deles começa por não naturalizar o inaceitável. Por não desviar os olhos. Por não calar.

Talvez não possamos impedir uma guerra total com um estalar de dedos. Mas podemos impedir que a guerra total habite nossa linguagem, nosso afeto, nossa pedagogia, nossa política. Podemos cultivar redes de solidariedade, práticas de cuidado, alianças improváveis. Podemos educar nossas crianças para a empatia, e não para o medo. Para o mundo, e não para os muros.

E se a história que nos trouxeram até aqui é uma história de exclusão, que sejamos então os autores de uma nova narrativa.

Porque ainda dá tempo.

Porque a esperança é um ato político.

## Silvia Feraboli



**S**ilvia Feraboli. Graduada em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutora em Política e Estudos Internacionais pela Universidade de Londres, com a tese *Rethinking the Idea of the Doomed Arab Region* e pesquisadora visitante da Universidade de Yale. Leciona no Departamento de Economia e Relações Internacionais e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, ambos da UFRGS. Publicou os livros *Arab Regionalism: A Post-structural Perspective* (London: Routledge - Taylor & Francis Group, 2014) e *Relações internacionais do mundo árabe: os desafios para a realização da utopia pan-arabista* (2ª. ed. Curitiba: Juruá, 2013). Atualmente, coordena o Núcleo de Estudos em Relações Internacionais do Mundo Árabe - NUPRIMA.

### ENTREVISTAS DO IHU COM SILVIA FERABOLI

- [O drama palestino e a necessidade de uma nova política internacional. Entrevista especial com Silvia Feraboli](#)
- [Palestina e Israel. A luta pela Paz Justa. Entrevista especial com Silvia Feraboli](#)



## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert  
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadiu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadiu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Éliada Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring  
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke  
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas  
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini  
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez  
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho  
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri  
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki  
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios  
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas  
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição  
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores  
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern  
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza  
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana  
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto  
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot  
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley  
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig  
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel  
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine  
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann  
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins  
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva  
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta  
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil  
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson  
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz  
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho  
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz  
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa  
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira  
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden  
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes  
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida  
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzós – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moisés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olivia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann

 UNISINOS